

“DEBAIXO DA PELE, A LUA”, UM OLHAR AO CONTO DE MARINA COLASANTI SOB O VÉU DA MITOPOÉTICA

Paloma do Nascimento Oliveira
Faculdade CESREI

Mulheres e deusas, compartilhamos do mesmo destino entrançado com a fatalidade.
Martha Robles

Considerações Iniciais

Ler um conto despretensiosamente nos leva a embarcar no enredo, andar ao lado das personagens, visitar espaços e ambientes até então desconhecidos. Entretanto, esse aparente desligamento pode nos privar de lançar um olhar mais profundo sobre a vida; de tecer reflexões que toquem a alma. Foi pensando nisto que, ao ler o conto “Debaixo da pele, a lua”, do livro *Longe como o meu querer* (2008), de Marina Colasanti, sentiu-se a necessidade de uma leitura mais atenta aos detalhes, às nuances mitológicas encontradas nele.

Porém, antes de nos debruçarmos sobre o conto, é fundamental entender um pouco sobre a autora e o livro em que ele se encontra. Sem pretensão de biografar, acreditamos que a própria Marina Colasanti, no livro *Eu Sozinha* (1968), foi capaz de elaborar uma espécie de ‘autoapresentação’ para os leitores mais sensíveis. Vejamos um trecho da “Crônica 1” que consta no site oficial da autora:

Quase não pisco. Às vezes, a intensidade com que olho, querendo ver, dói-me nas têmporas. Quando estou sozinha nunca sorrio, mas sorrio muito, com prazer e consciência, quando companhia. Quisera ser mais frágil do que sou. E me orgulho de minha força. Meu rosto é antigo. Ninguém mais moderno. Jovem, tenho toda a minha velhice. A resistência me assusta. A liberdade me pesa. Não quero ser livre. Gostaria de ser como os outros me vêem. Ou que os outros me vissem como sou. Haveria, assim, uma única pessoa.

<http://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>

Essa mulher, cuja capacidade de se autodescrever dialoga com os questionamentos existenciais humanos, escreve o livro *Longe como o meu querer* e, através de contos, explora os mais nobres e mais vis sentimentos, aspectos essenciais da alma humana.

Os enredos acontecem num ‘sem tempo’, sem localizações espaciais definidas. São camponeses, princesas, ogros, homens solitários que vivem o mito pelo mito e também o ressignificam.

As pequenas histórias tratam de sentimentos humanos (solidão, amor, ciúmes, inveja, coragem, raiva), assim como revelam sutilezas da alma. Elas variam bastante, a exemplo de um homem que tinha o desejo de construir um palácio e descobriu que podia fazê-lo com sua imaginação: “Sonhando, ainda viu a sombra do seu palácio desenhar outro palácio sobre as pedras. Só aí acordou. (...). Não habitava no palácio. Mas o palácio grandioso e imponente como nenhum outro, habitava nele, para sempre” (COLASANTI, 2008, p. 15). Há também um rei que encomenda 365 janelas em seu palácio para que possa ver a cada dia uma paisagem diferente e o que falar de uma princesa que se apaixona por uma cabeça?

Outra narrativa interessante é “Por um olhar” que traz um Príncipe que não gostava de companhia, mas sofria com a solidão. Diante disto, ele mandava pintar as paredes de seu palácio com personagens e histórias. Um dia o pintor o presenteou com uma nova pintura: A sala da Ponte, e ele se interessou profundamente por uma das personagens. “Seu rosto era de um oval tão gentil, e tão luminosa a sua pele que depois de tê-la visto não viu mais nenhuma” (*ibidem*, p. 42).

O príncipe gostaria de saber o seu nome, sua idade, o que ela pensava, o que tanto conversava com as outras damas que lhe rodeavam; “buscava inutilmente atrair seu olhar” (*ibidem*, p. 44), passava dias e dias admirando a formosura inalcançável da bela mulher. Até que um dia ele percebeu que ela olhava para outro e então “o Príncipe sentiu a lâmina de um punhal enterrar-se nas suas costas. Escurecida a vista, o sangue subiu-lhe à boca, quente como as palavras que estava prestes a dizer” (*ibidem*, p. 45). O personagem é tomado por ciúmes desesperados e morre com sua solidão.

Vê-se que a vaidade, o desejo, o egoísmo, a paixão, povoam os personagens, vão dando cor aos cenários e revelando que por traz de cada enredo é possível dialogar com os mitos, sejam estes clássicos ou ressignificados. Afinal, “o mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca” (ROCHA, 2012, p. 12).

A mitocrítica, nesta análise, auxiliou-nos como as rodas à condução de um carro. A ela coube nos direcionar para as respostas que nos inquietavam no decorrer da leitura. Sem o auxílio dela, muito provavelmente daríamos voltas em torno de um círculo de indagações infundas.

Encontrar e entender os mitos por trás do enredo foi fundamental para compreendermos melhor o universo do conto que analisaremos, assim como a natureza do ser humano. Pois,

É no mito que encontramos a compreensão dos aspectos mais profundos da natureza humana, o que se esconde e só se revela quando compreendido numa dimensão mais sutil e simbólica. Através do mito podemos chegar ao conhecimento das essências do ser humano, do mistério do masculino e do feminino, e de sua expressão do mundo. (CAVALCANTI, 1993, p. 24)

O mito nos revela nossos sentimentos mais ocultos, ele resgata e preenche lacunas daquilo que não consegue ser explicado pelo homem. “O mito pode ser efetivo e, portanto, verdadeiro como estímulo forte para conduzir tanto o pensamento quanto o comportamento do ser humano ao lidar com realidades existenciais importantes” (ROCHA, 2012, p. 13). Está nos mitos a capacidade de tematizar grandes problemas humanos.

De acordo com Rocha (2012, p. 15), “O mito está na existência. Resiste a tudo, fazendo no fundo com que suas interpretações sejam, quase sempre, matéria-prima para novos mitos”. Ele está relacionado aos rituais dos quais o homem participa, serve enquanto autoafirmação para o ser humano; é possível achá-lo nas cerimônias, nos casamentos, nos funerais, em tudo aquilo considerado símbolo de transformação para o homem.

Através da compreensão mítica presente no conto, vemos que é possível uma interpretação que ultrapasse as linhas visíveis da superfície textual. Percebemos que aspectos primitivos do mito da lua e as nuances que o envolve junto à mulher podem nos dar um bom embasamento para nossa análise.

Por isso, relembremos Mielietinski (1987, p. 02) quando este afirma que “no mitologismo literário, manifesta-se em primeiro plano a ideia da eterna repetição cíclica dos protótipos mitológicos primitivos sob diferentes “máscaras”, da alternância original dos heróis literários e mitológicos”. Dessa forma, enxergando no conto o componente cíclico do mito da lua e a influência deste na mulher, passemos à análise.

Caminhos da mulher e da lua – O conto

O conto “Debaixo da pele, a lua” traz a narrativa de uma moça, cujo nome não nos é revelado, que se caracteriza por ter-se feito mulher. Logo no início o leitor é informado de que essa mulher é diferente das outras pela claridade da sua pele: “E por baixo dessa pele, vinda da própria carne, uma luminosidade que afluía em certos dias (...) Aquela mulher tinha a lua embaixo da pele” (COLASANTI, 2008, p. 46).

A caracterização da pele da mulher como um espelho da própria lua é ponto de partida para entendermos o mito da lua e sua relação com o caminho que esta mulher faz até atingir o que Jung chama de *Self*.

Antes de mais nada, é interessante observarmos que a aproximação da mulher e da lua pode começar a ser compreendida através das palavras de Estés (1994, p. 321), quando esta diz que

A psique e a alma das mulheres também têm seus próprios ciclos e estações de atividade e de solidão, de correr e de ficar, de se envolver e de se manter distante, de procura e de descanso, de criar e de incubar, de participar do mundo e de voltar ao canto da alma.

Esse seria o ponto inicial para entendermos que a semelhança entre a mulher e a lua parte das fases e seu caráter cíclico. Ambas passam por transformações constantes ao longo do tempo.

Segundo Cavalcanti (1993, p. 25), “a lua sugere potencialidades, estados da alma, humores e emoções (...) Nada mais feminino do que esses estados mutantes e mutáveis, essa mudança constante de aparência”. A lua e a mulher se aproximam bastante em suas características mutáveis.

Não é demais lembrar da influência fisiológica que a lua exerce sobre as mulheres, assim como na sua psique. Ainda sem comprovações científicas alguns estudiosos afirmam que nasce um maior número de crianças na lua cheia, com base na influência dessa fase lunar sobre o corpo e a mente das mulheres. Uma outra semelhança seria os vinte e oito dias dos ciclos lunares que se assemelham ao ciclo menstrual.

De acordo com o conto na passagem para o ‘ser mulher’ os cabelos da personagem se faziam mais cheios, leite gotejava dos seus seios chegando a encher bacias e tinhas da casa. Essa transformação corporal se comunica com a alma feminina e mostra uma espécie de passagem para a construção da maturidade. Segundo Robles (2013), nada ilustra melhor a missão feminina que a passagem da escuridão para a luz. Eis a influência da lua na composição da personagem.

De acordo com Cavalcanti (1993, p. 26), “o feminino, em sua essência, está ligado à transformação, à mudança rítmica da vida, ao movimento circular (...) Nós vivemos em nosso corpo e em nosso psiquismo esse ritmo cósmico lunar”. De fato, a lua tem um grande poder sobre todo o processo de transformação da moça para mulher no conto. É a lua que a faz ser percebida; que modifica formas e texturas; que ilumina a personagem, dando vida e despertando a atenção dos outros.

Esse despertar é simbolizado pela figura de dois homens: um que se torna seu marido e um ladrão que a sequestra para comercializar a beleza proveniente da sua luminosidade noturna. O homem é miticamente representado pelo céu, pelo sol e de acordo com Cavalcanti (1993, p. 22), “Na maior parte das mitologias, a terra aparece como o feminino, a mãe, a mulher. E o céu é o masculino, o pai, o homem. Na mesma linha de representação simbólica a lua é vista, na maior parte das vezes, ligada ao elemento feminino, e o sol ao masculino”.

Curiosamente não temos a presença do elemento sol neste enredo. Após analisarmos o porquê, percebemos que a ausência do sol é proposital. O sol é uma estrela que ilumina a lua e os dois personagens homens que aparecem em “Debaixo da pele, a lua” não têm a mínima função de iluminar, mas, ao contrário, de apagar e de levar à escuridão.

O primeiro homem se sente ofuscado pela luz que a mulher tem e sente um terrível medo de ser inferiorizado. Não é à toa que “em nossa sociedade durante muitos séculos o homem esteve interessado em ser dominante e superior, enquanto a mulher foi relegada a uma posição de dependência e inferioridade” (HARDING, p. 149). O homem se sente ameaçado sem que a mulher diga ou faça nada.

Na iminência de perder seu brilho, ele desfaz o casamento. Robles (2013, p. 17) nos explica o motivo:

Ao fracassarem os homens em sua batalha contra os deuses, optaram pelo caminho mais simples: dominar as mulheres e, mais tarde, outros homens mais fracos mediante práticas cada vez mais abjetas, inseparáveis da ideia de pecado que sobreveio, primeiro, através de Lilith, e depois através de Eva e de toda sua estirpe.

Ao perceber que não conseguirá superar o brilho natural da mulher o homem a abandona: ““Essa mulher”, pensou o homem cheio de desconfiança, “vai acabar brilhando mais com sua luz do que eu com meu dinheiro” e alega que o motivo é que “ela só luzia para impedi-lo de dormir e que o levaria à morte” (COLASANTI, 2008, p. 47).

Este primeiro homem ilustra bem o medo da perda do poder patriarcal. Brilho *versus* dinheiro. A força natural da mulher *versus* a dominação imposta pelo homem. Ele se assusta diante de sua própria insegurança e vulnerabilidade e se sente intimidado diante de uma mulher que o ofusque.

A dominação é vista também na presença do ladrão. Após ser devolvida pelo marido, ela fica sozinha por um tempo. Mas sua luz chamou a atenção de outro homem: “era uma fresta apenas, que deixava vazar a luz por entre os postigos. Mas bastou a lâmina daquele raio para chamar a atenção do ladrão” (*ibidem*, p. 47). O homem a leva para a escuridão.

O tema da captura fatal que testa a consciência e termina num conhecimento profundo é um tema recorrente nos contos de fadas com protagonistas femininas. Tais histórias transmitem instruções profundas a todas nós a respeito do que devemos fazer se e quando formos capturadas e como podemos e como podemos voltar do cativeiro com a capacidade de *pasar a través del bosque como una loba, com un ojo agudo*,¹ com um olhar penetrante” (ESTÉS, 1994, p.332)

Estés ressalta bem o processo de conhecimento profundo de si mesmo em momentos de perigo. O conto traz uma situação em que a protagonista se vê presa diante da força física do outro. Entretanto, essa prisão tem um significado mais intenso, ela metaforiza a prisão da mulher diante da sociedade que a desprestigia. O tempo que a personagem passa em cativeiro revela um tempo paralelo em que ela possa refletir sobre a condição de ser mulher, de ser iluminada.

A personagem, nesse processo de reflexão, ainda não atinge seu ponto alto de descoberta de si mesma e começa a perder sua luz. Essa perda, segundo Estés (*ibdem*, p.336), “significa a perda da nossa proteção, do nosso calor, do nosso sistema de alerta antecipado, da nossa visão instintiva”. De alguma forma isto a ajudou e fez com que o ladrão a libertasse.

A captura pode ser caracterizada como a “travessia do limiar” da personagem. De acordo com Campbell (2008, p. 138), em releitura à obra *O herói de mil faces*, também de sua autoria, se “o indivíduo é instado a engajar-se numa aventura perigosa” há uma travessia do limiar de passagem que, nos mitos, seria “afastar-se da esfera conhecida em direção ao grande desconhecido”. Ao sair de sua casa pela segunda vez, a jovem enfrenta mais um desafio que a direciona no caminho do seu autoconhecimento.

Após a volta pra casa temos o clímax do conto: uma mulher de capa preta, no meio da noite, em um cavalo negro bate à sua porta e a leva sem hesitação. Em uma primeira leitura não é tarefa fácil deduzir quem seria esta mulher, mas quando associamos o mito ao conto logo percebemos que é a Grande Deusa. Essa dificuldade foi literariamente trabalhada no enredo para entendermos como é difícil formular conceitos sobre a mulher e a lua.

A lua é o símbolo do princípio feminino, que está ligado a valores que vêm do inconsciente (...) possui ritmo e natureza próprios, difíceis de definir porque escapam toda tentativa de conceituação. Suas qualidades aparecem ligadas à fertilidade, à receptividade. É acolhedor, nutridor, propiciador do crescimento. (CAVALCANTI, 1993, p. 24)

¹ Tradução livre: de passar através da floresta como uma loba, com um olhar aguçado.

Foi esse ritmo e natureza próprios da lua e da mulher que nos insurgiu em tantos questionamentos sobre essa dama que surge no final.

O'Connell & Airey (2010, p. 127) dizem que a deusa “é frequentemente associada à lua, refletindo sua natureza cíclica e seus atributos de luz e escuridão”. A dama chega no meio da escuridão e causa um efeito de luz na mulher até então apagada pela influência do ladrão: “sua pele estremeceu por sob a lua, sua luminosidade ondejou como reflexo de lago. E ela soube quem tinha vindo buscá-la” (COLASANTI, 2008 p. 49).

Vale lembrar que “A deusa Lua pertence a um sistema matriarcal, e não patriarcal. Não está relacionada com nenhum deus como esposa ou “contraparte”. É sua própria soberana, virgem, uma-em-si-mesma” (HARDING, p. 149). Assim, a deusa tem papel fundamental na composição da personagem, pois a mulher só consegue a plenitude no processo de individuação quando se livra das suas sombras (os dois homens).

Um último ponto a ser destacado é o cavalo em que dama chega: “Sem voltar-se para olhar sua casa, a mulher estendeu a mão, e montou no cavalo da Noite” (*ibidem*, p. 49). O cavalo da Noite tem uma representação mítica muito forte neste conto, seja por sua simbologia no universo mítico, seja por sua função no enredo. Segundo O'Connell & Airey (2010), Os cavalos aparecem em muitos mitos de transporte para outros mundos, geralmente puxando as carruagens dos deuses, e são dotados de características míticas.

Ainda segundo os autores ele é um antigo símbolo animal e está ligado ao sol e aos deuses do céu, representando o poder elementar do vento, da tempestade, do fogo, das ondas e da água corrente. No enredo ele é negro e carrega um ser superior, sendo, portanto, também de uma ordem superior.

Há no texto uma demonstração de impaciência do animal, enquanto a mulher não sobe nele. Essa impaciência existe devido à importância de sua missão. O animal não estava a passeio, mas tinha, junto à deusa, a missão de ajudar a personagem na completude do processo de individuação.

Assim, a personagem completa sua missão quando vai de encontro à deusa, “ao se aceitar como expressão do divino, ascende até a claridade e completa sua missão com alegria” (ROBLES, 2013, p. 22). Enquanto heroína de si e na luta com zonas do inconsciente que foram reprimidas ela encontra seu *self* e não olha mais para trás.

Palavras Finais

Ler um conto sob o olhar da mitopoética é acordar os nossos olhos cansados das teorias corriqueiras que a academia nos apresenta e, muitas vezes, nos ‘obriga educadamente’ a aplicá-las. Ao trabalhar a teoria, ficou a sensação de que estávamos nos direcionando a uma visão mais profunda do texto e seus significados.

A partir das discussões foi possível notar que os mitos vivem entre nós, ora em sua forma clássica, ora ressignificados. Afinal, “O mito fala enviesado, fala bonito, fala poético. Fala sério sem ser direto e óbvio” (ROCHA, 2012, p. 9); surge enquanto histórias de nossa busca pela verdade. Através desse mito nos encontramos e deixamos florescer as inspirações, produto de nossas ânsias e questionamentos sobre nós mesmos.

Assim como começamos este ensaio, é válido usar nestas considerações finais uma citação de Martha Robles (2013, p. 19) que traduz bem a missão feminina diante do nosso contexto atual:

Não existe modéstia maior do que aceitar o valor dessa graça feminina, que é tão nossa quanto unívoca da feminilidade, e honrá-la sem soberba no pronto cumprimento de nossa missão. Uma missão regulada pela bondade, envolvida pela virtude, da mesma forma pela grandeza e, muito especialmente, pelo amor em sua qualidade original, como um liame unificador daquilo que foi disperso e aviltado.

“Debaixo da pele, a lua” nos aponta uma série de discussões sobre a mulher, suas fragilidades e, ao mesmo tempo, sua força incomum advinda da *anima* e da relação que esta tem com a lua e seu mito.

O conto nos leva por um caminho de descoberta da mulher e de um processo complexo que envolve nosso inconsciente: a individuação. Acreditamos que ele consegue ilustrar bem o caminho que o inconsciente percorre para se livrar das sombras que o impedem de se encontrar.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. Trad. Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CAVALCANTI, Raïssa. **O casamento do sol com a lua**: uma visão simbólica do masculino e do feminino. São Paulo: Cultrix, 1993.

COLASANTI, Marina. **Longe como o meu querer**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2008.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HARDING, M. Ester. **Os mistérios da mulher**. Caxias do Sul – RS: Paulus, 1998.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1987.

O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque ilustrado de símbolos**. São Paulo: Editora Escala, 2010.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. Trad. William Lagos; Debora Dutra Vieira. 2 ed. rev. São Paulo: Aleph, 2013.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTIAGO, Rejis. **Marina manda lembranças**. Disponível em: <http://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html> acesso em: 21 jul. 2014.